REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
JULHO A SETEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 59
PROCESSOS E REGISTROS EM ARTE:
AÇÕES DO COTIDIANO EM REFLEXÃO

A ARTE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: UM OLHAR SÓCIO HISTÓRICO CULTURAL [1][2]

ART IN THE FORMATION OF THE HUMAN BEING: A SOCIO-HISTORICAL CULTURAL VIEW

Ana Letícia Ferreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, PR/Brasil

Marta Silene Ferreira Barros
Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina, PR/Brasil

Resumo: Este texto apresenta-se com o objetivo de destacar a presença e as contribuições da arte na formação humana, entendendo as manifestações artísticas na qualidade de símbolos sociais da existência e representação do ser humano, mobilizando o seguinte questionamento: Qual o papel da arte no desenvolvimento humano? As discussões aqui apresentadas sedimentam-se no aporte teórico da Teoria Histórico e cultural desenvolvida por Vygotsky, tendo também como suporte o método crítico dialético. Ao longo do artigo se concebe linhas de raciocínio assumindo as linguagens artísticas enquanto produção social e potencializadora do indivíduo, as quais possibilitam desdobrar-se uma análise para se pensar a relação arte e ser humano. Tendo em vista a defesa de que a arte não é um elemento natural do homem e sim produzida mediante a relação consigo mesmo com o outro e o mundo a sua volta.

Palavras chave: Arte. Formação Humana. Teoria Histórico Cultural.

Abstract: This text aims to highlight the presence and contributions of art in human development, understanding artistic manifestations as social symbols of the existence and representation of human beings, mobilizing the following question: What is the role of art in development? human? The discussions presented here are based on the theoretical contribution of the Historical and Cultural Theory developed by Vygotsky, also supported by the critical dialectical method. Throughout the article, lines of reasoning are conceived assuming artistic languages as a social production that enhances the individual, which make it possible to develop an analysis to think about the relationship between art and human beings. Bearing in mind the defense that art is not a natural element of man but produced through the relationship with himself, others and the world around him.

Keywords: Art. Human formation. Cultural Historical Theory.

---

[1] Este artigo está vinculado a Dissertação de Mestrado intitulada: Artes Cênicas e Educação Infantil: Realidade e Possibilidade da Linguagem do Teatro como Estratégia Metodológica na Mediação do Professor;

[2] Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da CAPES.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
JULHO A SETEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 59
PROCESSOS E REGISTROS EM ARTE:
AÇÕES DO COTIDIANO EM REFLEXÃO

INTRODUÇÃO

> A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade
>
> Ernest Fischer (1987, p.57)

A arte está presente em toda e qualquer cultura humana, sendo uma prática que acompanha o sujeito desde os primórdios, portanto, é considerada tão remota quanto à própria existência humana. Constitui-se como uma das primeiras formas de expressão do homem, antecedendo até mesmo a escrita. Dialoga e subordina-se a características locais de seu tempo, tendo sido organizada em divisões de períodos, movimentos e vertentes ao longo das etapas históricas. Como coloca Fisher (1987, p. 20):

> A arte pode ser considerada tão antiga quanto o homem porque ela figura no desenvolvimento do trabalho, da dominação do mundo natural e na necessidade criada de expressar a experiência humana. Por meio dela, o homem pode se apropriar do que já foi vivido, constituindo-se em forma de conhecer a si e ao mundo.

Atuando como símbolo social e intencional do homem, as linguagens artísticas carregam conhecimentos específicos, contribuindo para que haja a percepção do mundo em que se vive. Por meio da Arte, o homem reapresenta a realidade, e essa ressignificação é multifacetada. Deste modo, tentar encaixar o homem e suas manifestações artísticas em padrões simétricos seria uma tentativa utópica e sem sucesso. Para Vygotsky (1999, p. 328-329), “[...] A arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida”.

Neste estudo a arte será analisada por meio de uma perspectiva sócio histórica, ou seja, alinhado as elaborações da Teoria Histórico Cultural e do método

Ana Letícia Ferreira, Marta Silene Ferreira Barros - A ARTE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: UM OLHAR SÓCIO HISTÓRICO CULTURAL Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.59, nº59, p. 1-16, e1381, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



crítico Dialético, dessa forma serão abordados conceitos específicos dessas duas linhas de pensamento que fornecem subsídios para se pensar a importância da arte na formação genérica e subjetiva do ser humano.

1. A POTÊNCIA DA ARTE NOS SEGUIMENTOS DA VIDA HUMANA A LUZ DE UMA PERSPECTIVA SÓCIO HISTÓRICO CULTURAL

Compreender a presença latente da arte na vida humana é um movimento complexo, envolto por questões que precisam ser compreendidas e aprofundadas, especialmente no sentido de verificar como sua presença pode marcar a vida dos sujeitos. Ao refletir sobre o impacto da conexão do homem e suas produções artísticas sob a perspectiva socio histórica, é importante perpassar por alguns conceitos essenciais que coadunam diretamente com a intenção deste estudo. O primeiro conceito no qual se debruçará será o *trabalho*, essa atividade que se torna basilar para o entendimento da formação humana ecoando por toda a construção do ser e que permitirá avançar para as outras formulações.

A transformação da natureza em meios que garantem a manutenção da vida humana se realiza por meio do trabalho. É o alemão Marx (2013) que se empenha nos estudos sociais e econômicos acerca do homem, ao afirmar que o que diferencia o homem do animal é o trabalho, ou seja, a capacidade de transformar a natureza, suprir suas necessidades e criar outras. Partindo então desse princípio, para realizar essa modificação na natureza, o homem cria instrumentos para mediar sua ação, e previamente a materialização do objeto, assim, o homem imagina, planeja e raciocina.

Essa concepção de visualizar em sua mente o resultado, antes mesmo de

Ana Letícia Ferreira, Marta Silene Ferreira Barros - A ARTE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: UM OLHAR SÓCIO HISTÓRICO CULTURAL Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.59, nº59, p. 1-16, e1381, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



iniciar a elaboração completa de uma obra, é intitulada capacidade teleológica. Vaisman (2014, p. 109) diz que a "Teleologia traz consciência na produção da realidade humana, posto que ela, a produção, depende de posições teleológicas e conhecimentos corretos do mundo". Essa competência implica na categoria central do trabalho, o caráter teleológico caracteriza então essa atividade como uma ação intencional, com um fim previsto. Marx exemplifica essa particularidade por meio de uma comparação:

> Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalho desde o início do processo, portanto um resultado que já existia idealmente. (MARX, 2013, p.327).

Dito isto, pode se inferir que a diferenciação entre homem e animal se dá, justamente, por essa capacidade social que o homem constituiu, indo além das especificações de ordem biológica. O soviético Leontiev (1978) em sua *teoria da atividade,* ligando o contexto social ao desenvolvimento, afirma que o indivíduo aprende a ser um homem, uma vez que não é o bastante o que a natureza oferece, é preciso se apropriar das produções desenvolvidas no decorrer da sociedade. Pois, ao modificar a natureza, o homem modifica-se a si, também e, como aponta Lessa (2001), essas mudanças dão origem às necessidades de cunho social, envolvendo a precisão intelectual, afetiva e artística, que não são atendidas de imediato nessa relação com o meio; portanto, elas partem da categoria trabalho, mas são entendidas como um trabalho imaterial, termo definido por Engels e Marx:

> O trabalho imaterial é apresentado como um trabalho sem substância física e que tem sua fonte predominante em trabalhos intelectuais que podem estar relacionados à prestação de serviços, à administração, à gerência e ao controle dos processos de trabalho, ou mesmo a atividades produtivas que têm como fundamento o conhecimento e a informação utilizados dentro dos processos de trabalho. A informação e o conhecimento são, assim, considerados o núcleo duro do trabalho imaterial. (AMORIM, 2014, p. 34).



Segundo Lessa (2001), Marx emprega a expressão trabalho imaterial para se referir à complexificação das novas questões das relações sociais entre os homens. A distinção da materialidade humana e a da natureza é o processo biológico, pois as ações humanas são de princípios sociais, diferentemente dos processos naturais que são biológicos, químicos ou físicos. O trabalho material pode ser interpretado como as criações postas no mundo pela atividade humana. De tal modo, assim, diz Barros (2019, p. 52):

> Da cultura material se desdobram os elementos que compõem a cultura não material ou simbólica, como: a linguagem, as ideias e o conhecimento; O conhecimento, dessa forma, é uma parte da cultura, não podendo ser confundido como seu sinônimo.

Assim, diante desse pensamento, a arte é assimilada como uma ramificação do processo da socialização, nascendo da relação do homem com o mundo a sua volta, estando vinculada a condições históricas e sociais, variando de acordo com o contexto a qual é produzida, tendo origem nos anseios de cunho social da humanidade, pertencendo a uma ordem imaterial na atividade humana, transmitida de geração em geração, sendo apropriada e modificada ao longo da história conforme a necessidade do homem.

Em sua obra “Psicologia da Arte”, Vygotsky (1896-1934) se debruça sobre as contribuições do impacto da arte na vida do homem. O autor utiliza-se da vertente marxista para investigar a arte como uma técnica criada pelo ser humano para dar existência social e objetiva aos sentimentos. É por meio da obra de arte que os seres humanos se apropriam e desenvolvem de forma objetiva as emoções, Vygotsky (1999 p.315) diz que:

> De igual maneira, a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social, mas, ao contrário, torna-se pessoal,



> quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social.

Essa representatividade dos sentimentos humanos pelo viés da arte na qual concebe Vygotsky, não se refere a qualquer manifestação de afeto, emoção ou sensibilidade, mas sim uma elaboração dessas sensações. Em torno de análises das propriedades sócio históricas do homem, Vygotsky (1999) inclui e caracteriza as obras de arte em um conjunto de signos altamente complexos, não como um simples ressoador ou potencializador desses sentimentos, mas tal qual um dos responsáveis que desempenham um papel preponderante no desenvolvimento do psiquismo humano. Martins (2016, p.56) afirma que o psiquismo atua

> [...] Como imagem subjetiva do mundo objetivo, isto é, como reflexo psíquico da realidade. O psiquismo e consequentemente o reflexo psíquico resultam de uma relação ativa estabelecida entre o homem e a natureza, são produtos de evolução humana.

No interesse pela natureza social das propriedades psíquicas do homem, Vgotski estabelece a distinção entre funções psíquicas elementares que correspondem respostas imediatas aos estímulos, e às funções psíquicas superiores, essas derivadas da vida em sociedade originando-se da relação do indivíduo com o seu meio social. Pino (2005, p. 53) argumenta que “As funções elementares se propagam por meio da herança genética; já as superiores propagam-se por meio das práticas sociais”. A formação do psiquismo se dá externamente ao homem, depende essencialmente do seu modo de vida, determinado pelas relações sociais existentes, pelo meio no qual se insere. Vygotsky portanto, não ignora ou extingue as funções biológicas, compreende-se que só o aspecto biológico não dá conta do desenvolvimento completo do homem, conferindo aos processos sociais o papel principal do desenvolvimento humano e cultural por intermédio da internalização das criações feitas pelo homem mediante o



trabalho, ao operar as transformações na natureza por via da criação de instrumentos materiais (as ferramentas) e psicológicos (signos). A arte é um elemento que permite a qualificação das funções psíquicas superiores, ou seja, é responsável pela parte fundante da humanização e da construção do psiquismo. Assim, o homem se humaniza na inserção das relações sociais, a qual acontece pelo processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes. Leontiev formulou as bases da Psicologia Histórico-Cultural, sob o referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético, no qual reforça a natureza sócio-histórica do psiquismo, pois afirma que:

> [...] As condições sociais de existência dos homens se desenvolvem por modificações qualitativas e não apenas quantitativas, o psiquismo humano, a consciência humana transforma-se igualmente de maneira qualitativa no decurso do desenvolvimento histórico e social. (LEONTIEV 1978 p. 89).

Subsidiados pela Teoria Histórico cultural, compreende-se como a prática social está diretamente ligada as produções e relações sociais que se estabelecem na forma de reproduzir a vida. Os autores aqui apresentados reconhecem o ser humano na qualidade possuidor de capacidades que vão além dos limites biológicos, e que as competências sociais do homem como a arte, consistem numa rica elaboração do gênero humano em sociedade, na forma em que ele se coloca em relação ao mundo, consigo mesmo e com seus pares. Originando-se no comportamento simbólico humano e essencialmente social, em oposição a correntes mecanicistas, a arte não se submete a leis causais e inatas, deve-se frisar que sua concepção se dá pela vida em sociedade, perante as objetivações que o homem faz no seu meio.

Nesse sentido, cita-se Vaisman (2014 p. 106): “A capacidade artística não cai do céu já completa e consumada, como presente divino, nem está contida no perfil genético das espécies”. É por meio da arte que o homem significa a vida, expressa aquilo que o deixa inquieto e o incomoda, tornando-se, portanto, um caminho para



que reconheça a si mesmo enquanto parte de uma universalidade humana. Vygotsky (1999) contraria a comparação de que a arte seria algo tal qual a multiplicação do pão e vinho, alegando que esse alimento era o mesmo que cada um comia todo dia em suas casas:

> O milagre da arte seria mais como a da transformação da água em vinho, a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam algo a mais acima daquilo que nela está contido. (VIGOTSKI, 1999, p. 307).

Na visão do referido autor, na comparação do milagre da transformação da água em vinho, pode-se inferir que ao objetivar, significar e reelaborar a vida por intermédio da arte, o homem amplia a consciência e a existência humana, ganha novas proporções, no sentido de superar o imediatismo das formas simplistas e superficiais do cotidiano, avançando para uma complexificação da percepção de si mesmo e da realidade.

O filósofo Lukács (1885-1971), em seu trabalho, se lança ao aprofundamento das artes e da literatura sob uma perspectiva marxista; define a arte como autoconsciência do ser, uma vivência intensa do indivíduo enquanto parte do gênero humano. Lukács (2009, p. 33-34) evidencia que “A arte é um reflexo concreto, expresso e sensivelmente sintetizado, das etapas singulares que o gênero humano atinge no grande caminho que percorre para se conhecer e encontrar-se a si mesmo”. Posto isto, as manifestações artísticas são responsáveis por permitir a apropriação, por parte do homem, dos processos existentes na vida cotidiana e a sua transformação de forma qualitativa em um movimento dialético na relação homem-mundo.

Tratando dos termos do cotidiano e da reestruturação deste, a socióloga Heller (1929-2019), discípula de Lúkacs, valendo-se de suas teorias, se inclina sobre a questão da cotidianidade. Em seu trabalho intitulado “O cotidiano e a história”



(2016), a autora declara que o homem aprende em grupo os elementos do cotidiano, tais como a forma "correta" de se sentar, caminhar, suas atitudes perante dada circunstância. Para ela, o indivíduo é sempre simultaneamente ser particular e ser genérico:

> [...] Nenhuma sociedade pode existir sem as objetivações básicas da vida cotidiana, incluem-se nessa esfera de objetivações os objetos, a linguagem e os costumes. Ou seja, no plano da existência individual, nenhum ser humano pode existir sem reproduzir sua cotidianidade. (HELLER, 2016, p.101).

Heller faz uma divisão da atividade humana em duas esferas, a da vida cotidiana, que ela chama de objetivações genéricas em si, e a esfera não cotidianas denominadas objetivações genéricas para si. A categoria das objetivações genéricas em si, segundo Heller (2016), compreende as produções espontâneas do homem, suas necessidades elementares, relativas à sobrevivência, em que não é necessária uma relação consciente. Já as objetivações genéricas para si são as objetivações não cotidianas, e nessa divisão estão inseridas a arte, ciência, filosofia e a política, pois são estas que tornam o indivíduo singular e único.

Para Assumpção (2019, p.97), "A arte é, pois, um exemplo de objetivação que permite ao ser humano desenvolver uma relação qualitativamente superior com a realidade, levando o indivíduo criador e receptor a se identificar como um membro da genericidade". O indivíduo (a individualidade) contém tanto a particularidade quanto o humano-genérico que funciona consciente e inconscientemente. Nesse sentido, o ser humano é um ser multifacetado, e jamais um só indivíduo representará toda a espécie, pois contempla ao mesmo tempo a individualidade e a genericidade, transita entre o individual e o genérico, constitui-se assim um ser singular que se encontra em relação com sua própria individualidade, evocando assim a reflexão feita por Heller (2016, p. 20): "Basta uma folha de árvore para lermos nela as propriedades essenciais de todas as folhas pertencentes ao mesmo



gênero; mas um homem não pode jamais representar ou expressar a essência da humanidade".

Eis que anexada e resultando de um intrínseco movimento humano, a arte é um elemento que tanto estrutura como resulta da vida em sociedade. É parte da constituição social do ser, sendo um dos pilares da capacidade humana de se desenvolver. Proporciona a inserção e fortalecimento da coletividade entre os homens. Ajustado com o pensamento de Vianna (2014, p. 14), a arte tem a capacidade de "[...] agregar a humanidade, somar as forças, as crenças, os desejos e as ações geradas pela expressão singular de cada indivíduo ao redor de interesses comuns compartilhados por todos".

Ao se aprofundar sobre os impactos da arte no homem, apresenta-se o conceito da Catarse. O termo de origem grega advém do campo da medicina, do verbo "*Katharé-o*[3]", que significa "purgar". É Aristóteles o responsável por incutir o termo no âmbito estético, o conceito aristotélico de Catarse exposto em sua obra Poética (2008 -1449b), o qual é definido como o impacto provocado pela obra de arte, resultando na comoção e purificação das emoções. É no ápice da tragédia grega que ocorre a purgação e a purificação das emoções no público, ao provocar a liberação das tensões emocionais.

No que compreende a catarse na obra de arte, o filósofo de base social Marxista Luckács (2009) em suas reflexões, compreende a catarse como o efeito da obra de arte no ser humano, analisando de que forma a relação com as manifestações artísticas atingem a vida humana. Para o autor, a intensidade que ecoa deste contato age diretamente sobre o indivíduo, em que a arte possibilita a criação de questionamentos necessários sobre si mesmo e o meio que os cerca, promove uma visão de mundo que supera a cotidianidade. A catarse então

[3]Fonte: https://www.dicio.com.br/catarse/. Acesso em 28 de Maio de 2020



enriquece a subjetividade humana, eleva a consciência, emancipa e humaniza. Dessa forma, Lukács (2009) concebe a catarse tal qual uma categoria que não é puramente estética, tendo sua origem na vida dos seres humanos. A obra de arte reelabora os conteúdos extraídos do cotidiano, reconfigura e supera o pragmatismo. Assim,

> [...] Catarse pode ser entendida como um processo no qual se revela o êxito do efeito do realismo da obra de arte sobre o indivíduo receptor. A catarse é o processo pelo qual o indivíduo receptor é colocado esteticamente em confronto com a essência da realidade, por meio da superação, ainda que momentânea, da heterogeneidade extensiva e superficial da própria a vida cotidiana. (DUARTE, 2010, p.151-152).

Essa elevação do cotidiano pode se constituir tanto no momento da concepção artística, mas também durante a recepção da obra de arte. O efeito catártico amplia a singularidade do sujeito, a provocação por meio da vivência estética recusa qualquer imitação imediata. Como um exemplo de objetivação, a arte viabiliza um diálogo significativo entre o ser humano e o seu meio, estendendo ao público e ao artista o reconhecimento enquanto integrantes de um gênero. O confronto gerado pela obra de arte no indivíduo acerca da sua realidade é o efeito da Catarse, de ordem social, pois conforme afirma Vygotsky (1999, p.315), o social:

> [...] Existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. Por isto, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais intimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é um efeito social. A questão não se dá da maneira como representa a teoria do contágio, segundo a qual o sentimento que nasce em um indivíduo contagia a todos, *torna-se* social; ocorre exatamente ao contrário. A refundição das emoções fora (de) nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumentos da sociedade. (VIGOTSKI 1999, p.315).

Os referidos conceitos presentes no campo referencial que sustentam este estudo, permitem a validação da arte enquanto uma qualidade fruto de um



fenômeno social, que, portanto, necessita da sociedade e das relações nelas estabelecidas para acontecer, compondo o âmbito das necessidades na qual o homem se humaniza.

Algumas Considerações

Ao compreender a contribuição que a arte possui para a ampliação qualitativa dos processos afetivos, cognitivos e psicomotores do ser humano, é mister destacar que a relação estabelecida entre o homem e as produções artísticas (seja produtor ou mesmo espectador) suscita uma nova organização psíquica, permitindo-se um maior entendimento da dimensão das capacidades humanas.

A arte move a prática social do homem para uma evolução, aproximando as relações humanas do universo sensível e imaterial, retirando o ser humano da sua rotina cotidiana. A arte é uma elaboração que não pode jamais ser tomada de forma simples, unívoca ou inata, pois se dá na apropriação da vida em sociedade, fazendo parte de um conhecimento elaborado, sendo capaz de tornar visível aquilo que passa despercebido pelo cotidiano, chamando atenção para outras questões, dando tônica, por exemplo, aos problemas de cunho político, análise do comportamento humano tal qual a raiva, a alegria, amor, dentre outros, assim é essencial considerar o pensamento crítico como uma expressão do real, a representação subjetiva de uma realidade concreta, mobilizadora de processos racionais, emocionais, e mediante as demandas sociais.

A partir das experiências estéticas vivenciadas que refletem diretamente na vida do ser humano, não acontecendo de forma espontânea, percebe-se que esse reflexo é resultado de conhecimento e trabalho, assim como tudo o que é externo ao homem, é preciso aprender sobre essa linguagem, estabelecer contato com as produções, pois quanto maior a ênfase direcionada às vivências estéticas, maior será o entendimento de mundo. Portanto, é fundamental que os indivíduos se



apropriem dessas manifestações de forma intencional. Para Peixoto (2013, p. 25954):

> [...] Comprar ou ter um quadro pendurado na parede não é suficiente para se conhecer ou apreciar arte. Apreciar um objeto artístico é tomar consciência, aprender, compreender a própria existência, pois esse objeto é portador de diferentes valores e significados. Nesse sentido, a arte é um meio de conhecimento da vida humana, é um testemunho e possui um significado tanto para o produtor quanto para o apreciador; o conhecimento da arte é instrumento que possibilita a compreensão e a interpretação dos significados das representações artísticas.

A medida que o homem complexifica sua existência por meio da aquisição de novas capacidades psíquicas, tudo ao seu redor se ressignificar, assim, a arte uma via de acesso privilegiada, que atua enquanto elemento de aproximação da essência da realidade objetiva, fruto da inferência que o homem realiza sobre a natureza, portanto resultado do progresso humano, que segundo Leontiev (1978, p. 268) “[...] é a expressão da história verdadeira da natureza humana; saldo da sua transformação histórica”, reconhece assim essa área como uma ação intencional na qual o homem expressa suas ideias e posicionamentos, potencializando aspectos racionais e afetivos. Deve-se levar em conta que as produções artísticas estão intimamente ligadas ao seu tempo, uma testemunha das condições de um determinado momento, constituindo, portanto, um valor histórico.

Com base no exposto abrangendo os âmbitos intelectuais, sociais, emocionais no ser humano, pode-se inferir que a arte atua de forma incisiva na contribuição da qualificação das aquisições humanas, ampliando o repertório de atuação do homem em seu meio, pois a linguagem artística é responsável por sua formação em sua mais alta complexidade e subjetividade, por isso deve ser valorizada e entendida como um elemento essencial para a vida do homem.



Referências:

AMORIM, Henrique. As teorias do trabalho imaterial: uma reflexão crítica partir de Marx. *Caderno CRH*, v. 27, n. 70, p. 31-45, 2014.

ARISTÓTELES**.** *Poética.* Tradução e notas de Ana Maria Valente, Lisboa: Fundação Caloustre Gulbenkian, 3ª edição, 2008.

ASSUMPÇÃO, Mariana de Cássia. *Pedagogia Histórico - Crítica e Relações Entre Arte e Vida na Educação Escolar*. Appris Editora, 2019.

BARROS, M.S.F.; PASCHOAL, J.D.; PADILHA, A. *Formação ensino e emancipação humana: desafios da contemporaneidade para educação escolar*. Curitiba: CRV, 2019.
DUARTE, Newton. *Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

FISHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*. Trad. Leandro Konder, 8ª ed., Rio de Janeiro:LCT, 1987.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Editora Paz e Terra, 2016.

LEONTIEV, Alexei Nicolaevich; DUARTE, Manuel Dias*. O desenvolvimento do psiquismo*. 1978.

LESSA, Sergio. *Trabalho imaterial. Estudos de Sociologia*, Unesp-Araraquara, 2001.

LUKÁCS, Georg. *Arte e Sociedade: escritos estéticos 1923-1967*. Organização, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 2009.

MARTINS, Lígia Márcia. *Psicologia histórico-cultural, pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano. Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

MARX, Karl. *O capital: livro 1, o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, v. 894, 2013.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. Arte, Humanização e o ensino da arte. In: *Anais do XI Congresso Nacional da Educação Educere*, Curitiba- Paraná/PR.2013.



PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vygotsky*. São Paulo: Cotez, 2005.

VAISMAN, Ester. VEDDA, Miguel (Org.). *Lukács: Estética e Ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014.

VIANNA, Tiche. *DA ARTE À MERCADORIA: a transfiguração do teatro pelo sistema capitalista*. USP, 2014.

VyGOTSKY Lev Semenovitch. *Psicologia da Arte*. Trad. De Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Ana Letícia Ferreira
Universidade Estadual de Londrina– (UEL), Londrina, Paraná (PR) – Doutoranda pela Universidade Estadual de Londrina; Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Londrina; Bacharel em Artes cênicas; link lattes: http://lattes.cnpq.br/0378043190962725
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1321-6911
E-mail: leticiavieira1995@hotmail.com

Marta Silene Ferreira Barros
Universidade Estadual de Londrina– (UEL), Londrina, Paraná (PR) – Brasil. Professora Associada do Centro de Educação comunicação e Artes (CECA), Departamento de Educação – Area da Educação Infantil e Docente do Programa de Pós-graduação em Educação. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP) na área: Didática Teorias de Ensino e Práticas Escolares e Pós doutorado em Educação pela UNESP- Marília.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1924-8490
E-mail: mbarros@uel.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 24 de janeiro de 2024
Aceito em 8 de março de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
JULHO A SETEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 59
PROCESSOS E REGISTROS EM ARTE:
AÇÕES DO COTIDIANO EM REFLEXÃO

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/